

AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O QUE O ESTADO DA ARTE NOS DIZ

Recebido em: 22/10/2015

Aceito em: 14/05/2016

*Dandara Queiroga de Oliveira Sousa*¹
*Alysson Carvalho de Araújo*²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN – Brasil³

RESUMO: O objetivo do escrito é analisar e discutir os resultados do levantamento sistemático da produção acadêmica brasileira sobre as Práticas Corporais de Aventura (PCA) no contexto da prática pedagógica em Educação Física. O mapeamento da produção do conhecimento foi realizado nos periódicos da CAPES (Qualis: A2, B1, B2) e nos Programa de Pós-Graduação da área 21. Das 30 fontes de buscas, encontramos 1157 arquivos que contavam com termos: aventura, natureza, risco e radical, dos quais, após análise, selecionamos 8 arquivos (entre teses, dissertações e artigos), que traziam relatos de experiências pedagógicas, do ensino das PCA, em contexto educativo (escolar ou não), considerando estas práticas como manifestação da cultura de movimento e não apenas como espaço de discussão do tema transversal, meio ambiente ou com a educação ambiental como finalidade. Sendo essa uma amostra, qualitativamente, significativa para área.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física e Treinamento. Atividades de Lazer. Natureza. Esportes.

PRACTICES ADVENTURE BODY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: WHAT THE STATE OF THE ART TELLS US

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze and discuss the results of systematic review of the Brazilian academic production about Adventure Body Practices in the context of Physical Education. The literature review was performed on the CAPES databases (Qualis: A2, B1, B2) and Postgraduate Programs of Area 21, recommended and recognized by CAPES. In 30 searching sources, we found 1157 files that contained the terms: adventure, nature, risk and radical, of which, after analysis, we selected 8 files (including theses, dissertations and articles), bringing reports of teaching experience, teaching of Adventure Body Practices, in educational contexts (academic or

¹ Mestranda em Educação Física pela UFRN.

² Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da UFRN.

³ Os autores são membros do Grupo de pesquisa Corpo e Cultura de Movimento – GEPEC do Departamento de Educação Física da UFRN, realizam pesquisas pelo Laboratório de Estudos em Educação Física Esporte e Mídia – LEFEM, que é financiado pelo Projeto Mídia-Educação Física em tempos de Megaeventos esportivos: impactos sociais e legados educacionais, do Conselho Nacional de Desenvolvimento.

not) considering these practices as a manifestation of motion culture and not just as environmental education intended. This being a sample qualitatively significant for the area.

KEYWORDS: Physical Education and Training. Leisure Activities. Nature. Sports.

Introdução

Em meados de 1885, nos cenários do terceiro filme da trilogia *Back to the future*⁴, o Doutor Brown, previa que em 1990 as pessoas correriam por *hobbie*, ou por lazer. Parafraseando o Dr. Emmet Brown, diríamos que não apenas a corrida como outras práticas corporais, agora são realizadas pelo divertimento em momentos de lazer. Observamos que as práticas corporais se reconfiguram ao longo dos tempos para atender as demandas de quem as praticam, conforme nos aponta Cardoso; Silva e Felipe (2006, p.80)

O homem primitivo passava pouco tempo fixado em certa localidade, quer seja pelo esgotamento dos recursos naturais ou pela falta de vínculos afetivos com o local. Com o advento da agricultura o homem pôde se fixar a terra, formando com a mesma, vínculos de sustento e apreciação. A sistematização do deslocamento humano de um local para outro com o passar do tempo (turismo), tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes da atualidade [...]

A intencionalidade da sobrevivência no ambiente selvagem e nômade de outrora se remodela para atender a curiosidade da descoberta de novos territórios jamais antes explorados, expandindo impérios antigos, fazendo crescer as mais modernas civilizações e assim como previsto pelo Dr. Brown a corrida deixaria o caráter de sobrevivência e passaria a se delinear como práticas de lazer ou de turismo.

A prática de atividades físicas ao ar livre, em contato com o meio ambiente que se encontra ainda selvagem, oferecendo a possibilidade de desfrutar de seus elementos naturais em meios aquático, terrestre ou aéreo, são relatadas desde o século XIX e

⁴ No Brasil, “De volta para o futuro”, é um filme norte-americano dirigido por Robert Zemeckis lançado em 3 de julho de 1985.

reconhecidas enquanto práticas de lazer, em meados da década de 70 (DIAS, 2009; PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2013).

A fim de compreender os encantamentos destas atividades, diversos grupos de pesquisa no Brasil têm se dedicado aos estudos das práticas corporais de aventura desde a década de 90, essencialmente enquanto prática de lazer, aquela em que o homem usufrui em seu tempo livre (INÁCIO, 2006).

O fato é que estas práticas têm sido cada vez mais procuradas por pessoas que desejam sentirem-se mais próximas da natureza⁵, que desejam aventurarem-se em terrenos, mares ou ares desconhecidos para usufruir do caráter da imprevisibilidade da natureza e suas intempéries, colocando seus limites e sua capacidade de resolução de problemas à prova.

Observamos que estas práticas têm se ressignificado, assim como diversas manifestações da cultura de movimento⁶, adquirindo ares esportivos, onde a sua busca deixa de ser exclusiva nos tempos livres ou de lazer e se torna recorrente a busca pelo aperfeiçoamento da técnica, a competição com outros sujeitos, onde fica evidente principalmente a mudança na intencionalidade que guia a busca por estas modalidades.

A busca por uma prática sistemática ao ar livre aliada a urbanização das cidades e às próprias intempéries da natureza, contribuiu para que as sensações de “aventurar-se” na natureza selvagem fossem recriadas em ambientes urbanos, remontando

⁵ Natureza aqui compreendida sob duas óticas: enquanto ambiente que não teve grandes modificações pela ação do homem no sentido de modificar sua composição primordial (terra, água e ar), e ainda sob a percepção de si mesmo, da natureza do que lhe é mais primordial, rudimentar, da animalidade enquanto ser humano, nos aproximando da compreensão de natureza do filósofo francês, Merleau-Ponty.

⁶ O aporte teórico por nós adotado, baseia-se na compreensão de Eleonor Kunz (1991), que, baseado no conceito de Cultura de movimento de Dietrich (*apud*, KUNZ, 2012, p. 46), nos diz que essa “significa inicialmente uma conceituação global de objetivações culturais, em que o movimento humano se torna elemento de mediação simbólica e de significações produzidas e mantidas tradicionalmente em determinadas comunidades ou sociedades”.

atividades *outdoor* (no ambiente selvagem) agora para prática *indoor* (em ginásios, parques urbanos, etc.).

No rastro deste pensamento, é que alguns autores, pesquisadores e ações de extensão, vêm propondo que estas práticas sejam cada vez mais incorporadas ao nosso dia a dia, como uma forma de “retorno à natureza”, autoconhecimento, ou ao sentimento de imprevisibilidade trazido pelas práticas em ambientes selvagens, e a incorporação de valores e atitudes advindas destas práticas para o cotidiano (CARDOSO; SILVA; FELIPE, 2006; INÁCIO, 2006; PAIVA; FRANÇA, 2007; GARCIA; KOWALSKI; ALVES, 2009; RODRIGUES; GONÇALVES JÚNIOR, 2009; SILVA; CHAO, 2011; ARMBRUST; SILVA, 2012; ROSA; CARVALHINHO, 2012; MELLO, 2013).

Independente da intencionalidade de quem pratica, é notório o apelo e a relação tênue entre as atividades na natureza e tão almejada educação ambiental ou conscientização para preservação do meio ambiente. É neste cenário em que as práticas corporais de aventura se redesenham sob um paradigma, da educação ambiental.

A urbanização, necessária a expansão das civilizações, foi também responsável pela devastação de ambientes de natureza selvagem, restando-nos agora se faz necessária uma educação para preservação do que nos restou. Assim, como apontado nos estudos que traremos, as práticas que já foram de sobrevivência, de lazer, agora passam a ter também o caráter educativo no sentido da educação ambiental.

A educação ambiental proposta, se dá em muitos casos, pela reaproximação do binômio homem-natureza, como se fossem tão apartados da materialidade do mundo que não pudessem ser vistos apenas como natureza. Esta reaproximação, segundo algumas correntes, se daria por meio de práticas corporais que foram integradas a nossa sociedade, onde o homem experimenta a natureza “por meio” de seu corpo e desta

forma seria possível um comportamento preservacionista e respeitoso diante do meio ambiente. Vale salientar, que esta não é uma relação tão linear, onde o comportamento pró-ambiental, preservacionista seja alcançado apenas com algumas práticas corporais irrefletidas na natureza (PAIVA; FRANÇA, 2007; GARCIA; KOWALSKI; ALVES, 2009; RODRIGUES; GONÇALVES JÚNIOR, 2009; SILVA; CHAO, 2011; ROSA; CARVALHINHO, 2012).

Neste contexto, a Educação Física, enquanto área de conhecimento, tem se dedicado em expandir os estudos sobre esta intencionalidade de movimento, traduzida enquanto objeto de estudo, a fim de compreender novas nuances e possíveis diálogos com as práticas corporais de aventura, seja pelo lazer descomprometido e esporádico, sejam com fins educativos bem delineados e ainda, em ambientes de educação informal ou formal.

A compreensão de como nossa área de conhecimento tem abordado esta temática, é o ponto de onde surge o nosso problema de pesquisa: como as práticas corporais de aventura vêm sendo configuradas no contexto escolar, ou sob o trato pedagógico? No rastro deste questionamento este artigo tem por objetivo fazer um levantamento sistemático da produção acadêmica brasileira que tematizassem as Práticas Corporais de Aventura (PCA)⁷ no contexto da Educação Física Escolar, preferencialmente, e incorporando as práticas educativas de educação intencional (ou formal, em sentido restrito) e não-intencional (informal, em sentido amplo).

⁷ Práticas Corporais de Aventura - PCA: Adotamos este termo por compreender que as práticas corporais abrangem as mais diversas manifestações da cultura de movimento, desde as práticas mais lúdicas às mais esportivizadas. O termo aventura foi selecionado em detrimento de outros como, risco, na natureza, radical, por entendermos que a aventura está presente nessas outras expressões de movimento, de forma que a aventura seria, também, mais abrangente. Além deste fator, nossos estudos e práticas têm se pautado na busca pela sensação e emoção de aventura (do inesperado, desconhecido, imprevisível, etc.), mas nem sempre no colocar-se em risco, ou buscar a manobra mais radical e independente de estar na natureza, ou não, considerando as possibilidades e potencialidades da Educação Física Escolar.

Segundo Libâneo (2013, p.15), educação intencional: “[...] refere-se às influências em que há intenções e objetivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extraescolar. Há uma intencionalidade, uma consciência por parte do educador quanto aos objetivos e tarefas que deve cumprir [...]”. Já a educação não intencional, para o referido autor, diz respeito às influências do contexto social e do meio ambiente sobre a vida dos indivíduos. Essas influências também denominadas de educação informal, referem-se a processos, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e não se dão de formas intencionais e conscientes. São situações e experiências, que acontecem de forma, casual, espontânea, não organizada, e que apesar disso influenciam na formação humana. Consideramos, portanto, instituições escolares ou acadêmicas também como espaços educativos.

Em nossos estudos, percebemos que havia uma lacuna na produção do conhecimento, no tocante a pesquisas que problematizassem as práticas corporais de aventura, enquanto conteúdo de ensino, demonstrada posteriormente na escassez de arquivos selecionados em nosso estudo, o que corrobora com a relevância de estudos e realização de pesquisas neste vasto e pouco explorado, campo do conhecimento da Educação Física. O interesse por esta temática se dá, por estas práticas corporais, permearem os espaços de lazer da autora, motivando-a em investimentos de cunho acadêmico sobre tal objeto de estudo.

Metodologia

O processo metodológico que guiou este estudo está pautado no paradigma de pesquisa qualitativa do tipo exploratória, que tem como finalidade proporcionar uma

visão geral e aproximada sobre determinado fato. Negrine (2010, p. 62) nos ensina que a pesquisa qualitativa trabalha com informações e “tem como pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo-as e analisando-as, para num segundo momento interpretar e discutir à luz da teoria”, sendo este o encaminhamento que será dado em nosso escrito.

Este tipo de pesquisa, habitualmente envolve o levantamento bibliográfico, especialmente quando o tema investigado é pouco explorado o que dificulta a formulação de hipóteses operacionalizáveis (GIL, 2011). Condizente com nosso tipo de estudo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir de material já produzido sobre o objeto de pesquisa - PCA com fins educacionais - a fim de delinear o estado da arte das publicações acadêmico/científicas e construir o aporte teórico para posteriores discussões a respeito.

Para tanto, nossas buscas pela produção do conhecimento acadêmico, teve como universo os periódicos CAPES, com estrato qualis CAPES A1, A2, B1 e B2, e nos Programas de Pós-Graduação - PPG, *stricto sensu* da área de Educação Física, que inclui cursos de Educação Física, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Fisioterapia, reconhecidos e recomendados pela CAPES.

Segundo Gil (2011), essa diversidade de fontes de buscas bem como a segurança da confiabilidade do material bibliográfico pesquisado é fundamental para evitar equívocos que comprometam os dados da pesquisa. Nossa escolha por tais fontes bibliográficas se justifica na medida em que “[...] os periódicos constituem o meio mais importante para comunicação científica” (GIL, 2011, p. 62). No que se refere as teses e dissertações o mesmo autor, do qual corroboramos o entendimento, considera uma fonte importante de pesquisa por trazer estudos originais, porém nos alerta que, o valor destes

estudos, estão vinculados a qualidade do programa de pós-graduação ao qual está vinculado. Nesse sentido, fomos cuidadosos ao selecionar apenas os PPG recomendados e reconhecidos pela CAPES.

Nossa imersão exploratória pelo conhecimento acadêmico produzido sobre as práticas corporais de aventura no contexto escolar e/ou educativo teve como amostra 30 fontes bibliográficas, sendo oito periódicos CAPES, distribuídos entre os qualis A2, B1 e B2 e em repositórios ou bibliotecas digitais de 22 programas e cursos de pós-graduação recomendados e reconhecidos pela CAPES, incluindo programas de mestrado profissional, mestrados acadêmicos e mestrado e doutorado em Educação Física.

As fontes de dados foram distintas, o que exigiu critérios iniciais de busca distintos, mas a busca pelos produtos acadêmicos publicados seguiu os mesmos critérios de seleção, a saber: serem publicações em língua portuguesa, que contivessem um dos termos de busca pelo menos no título ou nas palavras-chave (termos de busca: aventura, natureza, risco e radical), os termos foram buscados um a um em todos os repositórios, que o escrito retratasse as PCA na EFE, ou demonstrasse o trato pedagógico com fins educativos sobre as PCA, que pelo menos o resumo do texto estivesse disponível nos repositórios online.

De acordo com os produtos acadêmicos encontrados, foi adotado posteriormente, critérios de exclusão de documentos, que serão explicitados mais a diante. Foi realizada a leitura, integral de todos os artigos selecionados nos periódicos e dos resumos das teses e dissertações, que constituíram nossa amostra, para então discutir o estado da arte.

Esta pesquisa foi finalizada no mês de abril de 2015, quando foram revisitados e buscados sites de internet que em outros momentos encontravam-se indisponíveis ou desatualizados junto as fontes primárias de informação. Vale salientar, que é possível que alguns arquivos (dentre artigos, teses e dissertações), não estejam aqui postos, pois as fontes bibliográficas pesquisadas encontram-se em constante “alimentação”, sendo possível que artigos datados de 2014, tenham sido incorporados a plataforma de dados em 2015, após a nossa imersão de buscas. Todos os achados aqui dispostos, em seu formato integral ou não, estão disponíveis na internet, sendo esta a fonte exclusiva de pesquisas.

Buscando Conhecimentos nos Periódicos da CAPES

Para os Periódicos da CAPES nossas buscas abrangeram os de publicação nacional (embora alguns estejam recebendo escritos apenas em língua inglesa), tendo como critério de seleção, primeiro, serem reconhecidamente de publicações da área da Educação Física. O segundo critério, foi que o estrato qualis capes dos periódicos fossem: A1, A2, B1 e B2. Salientamos que o qualis trazido pelo Sistema Integrado da CAPES⁸ - SICAPES, compreende os seguintes estratos: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5, C. Selecionamos nosso escopo de buscas para área de EF por ser nossa área de estudos e apenas aos quatro primeiros estratos, por compreendê-los mais relevantes academicamente para nossa área e para limitar os campos de buscas. Unidos estes dois critérios, buscamos no SICAPES (www.qualis.capes.gov.br) - Webqualis, para ter acesso a lista com os periódicos que fazem parte desta amostra inicial.

⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Ao analisar as listas observamos que, em especial o qualis A1, as revistas em geral não publicam em língua portuguesa e principalmente não são revistas específicas de nossa área, por este motivo não tivemos revistas A1 em nossa amostra, sendo este um critério de exclusão. Faz-se necessário pontuar sobre este dado, que nossa busca pelo SICAPES se deu “Por classificação / Área de avaliação”, justamente para que pudéssemos selecionar apenas os periódicos específicos de nossa área.

Esta mesma observação se estendeu aos demais estratos. Para esses, tivemos melhores resultados e pudemos selecionar alguns periódicos e então proceder nossa investigação sistemática. Nossa amostra de pesquisa se constituiu em oito revistas ou periódicos distribuídos entre os qualis A2, B1 e B2, conforme Tabela 1, abaixo.

Tabela 1: Relação dos periódicos com ISSN selecionados de acordo com seu qualis.

Estrato Qualis Capes	Periódico	ISSN ou eISSN*
A2	Motriz: Revista de Educação Física (online)	1980-6574
	Movimento (Porto Alegre – online)	1982-8918
B1	Motricidade	1646-107x 2182-2972*
	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	0101-3289
	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	1981-4690
	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)	1807-5509
	Revista da Educação Física (UEM. Online)	1983-3083
B2	Licere (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online)	1981-3171
	Pensar a Prática (online)	1980-6183

Antes de trazer os resultados da busca, lembramos que essas foram realizadas em periódicos disponíveis exclusivamente online, embora possamos verificar que alguns periódicos trazem também a versão impressa. Isso se justifica pelo fato de que no site das revistas estão disponíveis os dois formatos com ISSN ou e-ISSN⁹, e por isso foram incluídas em nossa amostra, mas contabilizado apenas como um periódico, como

⁹ ISSN: do inglês *Internacional Standard Serial Number*. Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas, no português brasileiro. E e-ISSN: do inglês, *Electronic ISSN*.

no caso das revistas “Motricidade” e “Revista Brasileira de Educação Física e Esporte”, ambas os formatos, contabilizadas apenas como um periódico.

Nossas buscas nos periódicos tiveram início em março de 2014 e foram finalizadas em abril de 2015. Na busca inicial os termos selecionados foram: “aventura” e “risco”. Mas já nas primeiras leituras dos artigos encontrados, nos deparamos com um cenário comum, a falta de uma delimitação conceitual bem clarificada e específica para as práticas corporais de aventura. Primeiro, no que diz respeito se seriam práticas esportivas ou de lazer. Segundo, verificamos que há certo consenso conceitual do que seriam práticas de aventura, de risco, radicais, na natureza, porém ao tentar se categorizar quais modalidades compõem cada tipo de prática dessas é que surgem algumas discussões.

Provavelmente, muitas das modalidades se “encaixam” em diversos tipos de práticas, inclusive enquanto esporte. Mas pelo caráter de subjetividade de quem pratica, bem como por ainda não haver a total institucionalização esportiva moderna regulando seu desenvolvimento é que acreditamos que estes estudos estão longe de se esgotarem. Além do mais, os estudos destas práticas são também recentes e tem sido recorrentemente ligados aos estudos do lazer e não tanto no campo escolar, como será demonstrado nos resultados de nossa sedenta busca.

Baseados neste primeiro panorama, optamos por acrescentar mais dois descritores às nossas buscas, finalizando-as com os seguintes termos: “aventura”, “natureza”, “risco” e “radical”. Não incluímos termos combinados (por exemplo: atividades físicas de aventura na natureza) também para não limitar nossas buscas. Foi escolha dos pesquisadores abranger o máximo de arquivos possíveis, e baseados nestes, selecionar apenas os que atendessem nosso foco de estudos.

Essa abrangência foi fundamental para que pudéssemos ter um amplo leque de escritos e perceber diferentes formas de se descrever e analisar um mesmo fenômeno ou objeto de pesquisa. Porém, nos trouxe em alguns casos um número altíssimo de artigos completamente desvirtuados do nosso propósito. Exemplo comum às revistas, ao se pesquisar pelo termo “risco”, por ser opção nossa não incluir termo combinado, o resultado serem inúmeros artigos cujo risco estava no contexto do risco de obesidade, fatores de risco, risco de doenças coronarianas, risco de quedas em idosos, por exemplo.

Em geral, nosso escopo de buscas nas revistas foi por “todos”, incluindo: autor, título, resumo, termos indexados e texto completo. Estas também são possibilidades de restrição do escopo de busca nas revistas e sempre que nossa opção pela abrangência de artigos, resultava em uma amostra superior a cem escritos, reduzimos o escopo de busca para o título e/ou resumo.

Trazemos na Tabela 2 abaixo o quantitativo geral de nossas pesquisas, considerando apenas a amostra de periódicos que foram visitados (por este motivo não se visualiza os periódicos A1) e também o número de artigos finais, já com os filtros de escopo.

Tabela 2: Relação do quantitativo de artigos encontrados para o número de artigos selecionados

Estrato Qualis Capes	Nº de periódicos selecionados para as buscas	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados
A2	2	238	5
B1	4	350	4
B2	2	184	6
Total	8	772	15

Uma análise estatística simples, sem pretensão de análise quantitativa, nos traz o surpreendente dado de apenas 1,94% dos artigos encontrados, referem-se a pesquisas sobre as práticas corporais de aventura, ou de alguma modalidade em específico, no contexto escolar ou educativo.

Considerando-se os termos pesquisados, a luz da Tabela 3 abaixo, inferimos que a inclusão dos termos, “radical” e principalmente “natureza”, foram responsáveis por um acréscimo quantitativo significativo o que nos dá por consequência, maior qualidade na discussão do referencial teórico, por termos fontes de conhecimento diversas.

Tabela 3: relação do número de artigos encontrados x selecionados de acordo com o termo de busca

Termos de busca	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados
“aventura”	129	4
“natureza”	203	9
“radical”	303	1
“risco”	137	1

Nosso escopo de busca não limitou espaço de tempo ou período de publicação, então baseados em nossa amostra de artigos selecionados observamos que as publicações selecionadas têm intervalos de tempo correspondente ao ano de 2006 até 2013. Em muitas revistas haviam artigos datados de 2014, mas não foram selecionados.

De acordo com o intervalo de tempo em que houve seleção de artigos, trazemos os seguintes dados: em 2008 por não houve nenhuma publicação; os anos 2006 e 2009 com três publicações cada um; 2007 e 2012 com duas publicações cada, e; 2010 e 2013 com uma publicação cada. Este intervalo de tempo pode significar que os estudos na perspectiva educacional das PCA são realmente bem recentes e ainda bem escassas.

A partir desta seleção inicial de 15 artigos realizamos a leitura dos textos na íntegra a fim de verificar quais os tipos de pesquisas mais recorrentes, qual cenário educativo está sendo configurada a prática pedagógica e qual papel da Educação Física no panorama encontrado. Estes dados serão descritos de forma mais aprofundada a seguir.

Buscando Conhecimentos nos Programas de Pós-Graduação

Para finalizar nosso mergulho exploratório sobre as práticas corporais de aventura desenvolvidas no contexto escolar ou educacional, pesquisamos nos repositórios ou bibliotecas digitais dos cursos e programas de pós-graduação da área 21, reconhecidos e recomendados pela CAPES que estão quantitativamente detalhados na Tabela 4 abaixo.

Tabela 4: Quantitativo de programas e cursos e de cursos de pós-graduação recomendados e reconhecidos pela CAPES (Dados atualizados em 17/11/2014)

Área avaliação	Programas e Cursos de pós-graduação					Totais de Cursos de pós-graduação			
	Total	M	D	F	M / D	Total	M	D	F
Educação Física	32	12	0	1	19	51	31	19	1
Fisioterapia e Terapia ocupacional	12	6	0	0	6	18	12	6	0
Fonoaudiologia	8	1	0	1	6	14	7	6	1
Total	52	19	0	2	31	83	50	31	2

Deste total de cursos e programas, selecionamos os 32 programas e cursos que são da área de Educação Física, incluindo programas de mestrado acadêmico, mestrado profissional e mestrado e doutorado. Desta seleção inicial, tivemos acesso a seguinte amostra (TABELA 5):

Tabela 5: Quantitativo dos cursos e programas de pós-graduação em que foi possível buscas pela internet

Totais de Programas e cursos de pós-graduação					
Área: Educação Física	M	D	F	M/D	Total
Recomendados e reconhecidos	12	0	1	19	32
Pesquisados	6	0	1	15	22

Dos 32 programa e cursos, tivemos acesso ao repositório ou biblioteca digital de 22 deles, o que representa aproximadamente 69% do total. Consideramos esta, uma amostra significativa e justificamos o fato de nossas buscas não terem contemplado a totalidade. Esta impossibilidade se deu pelo fato de que nem todos os programas e

cursos terem repositórios disponíveis online. Para ter acesso as bibliotecas consultadas, pesquisamos exclusivamente na internet pelo programa de pós-graduação em questão, até chegarmos aos seus repositórios, em alguns casos não encontramos tais espaços digitais. A Tabela 6, traz quais programas de pós-graduação foram efetivamente pesquisados e a relação do quantitativo de arquivos encontrados com os selecionados.

Tabela 6: Quantitativo de dissertações (D) e teses (T) encontrados e selecionados por PPGEF

Tipo de pós-graduação	Programa	IES	Nº de arquivos encontrados		Nº de arquivos selecionados		
Mestrado profissional	Exercício Físico na promoção da saúde	UNOPAR	0		0		
Mestrado acadêmico	Educação Física	UFMT	0		0		
		UFRN	1		0		
		UFSM	54		0		
		UNIMEP	5		0		
	Fonoaudiologia	UNESP/MAR	1		0		
	Terapia ocupacional	UFSCAR	2		0		
Mestrado e Doutorado	Ciências da motricidade	UNESP/RC	D=55	T=6	D= 1	T=0	
	Ciências do movimento humano	UFRGS	D= 9	T=3	D= 0	T= 0	
		UDESC	D= 4	T= 0	D= 0	T= 0	
		UNICSUL	D= 4	T= 0	D= 0	T= 0	
	Educação Física	UNB	D= 158			D=0	
		UCB	D=3	T= 3	D= 0	T=0	
		UFES	D=0		D= 0		
		FESP/UPE	D= 4		D=0		
		UFPR	D=15	T=3	D= 0	T= 0	
		UEL	D = 5		D= 0		
		UFPEL	D= 5		D= 0		
		UFSC	D=7	T=4	D=0	T=1	
		UNICAMP	D= 15	T=17	D=1	T=1	
USJT	D=2		D= 1				
Educação Física e Esporte	USP	D= 0		D= 0			

Na Tabela acima, podemos observar alguns campos em que nenhum arquivo foi encontrado, isso se justifica pelo fato, ou do PPG não ter linhas de pesquisa voltadas para o campo sócio cultural ou pedagógico da Educação Física, como o mestrado

profissional da UNOPAR, por exemplo. Alguns casos, os campos que equivalem as teses estão em branco. Para estes, não encontramos um repositório online disponível, como da UNB, por exemplo. Os que constam preenchidos com 0, é que foram pesquisados, mas realmente não tiveram arquivos selecionados.

Em alguns casos, assim como nas buscas dos periódicos da CAPES, o resultado de arquivos encontrados foi bastante alto, sendo necessário um refinamento das buscas. Por exemplo, a biblioteca digital da UNESP Rio Claro, abrange todos os PPG's cadastrados, então o número de arquivo encontrados é alto. Refinamos a busca, selecionando apenas o programa de Ciência da motricidade.

Outra forma de filtro adotado, ou critério de exclusão, foi o intervalo de tempo que utilizamos, pois alguns repositórios disponibilizavam arquivos desde 1992. Então, para este estudo, consideramos a produção dos últimos 12 anos completos, considerando então o período de 2004 a 2015.

Uma minoria dos repositórios oferecia ferramenta de busca por termos e dos poucos que ofereciam esta possibilidade, nestes casos, lemos todos os títulos de dissertações e teses em busca dos termos de busca, estabelecendo, portanto, o mesmo critério de buscas para ambas as plataformas de indexação da produção acadêmica.

Para as buscas nos repositórios vale destacar duas peculiaridades, que se distinguem das buscas nos periódicos da CAPES, uma já posta que é a impossibilidade de busca por termos e a outra é que, em todos os outros sites disponíveis para busca em biblioteca digital, a pesquisa é feita pelo título de todas as dissertações ou teses de um determinado ano. Como não campo de busca por termos, estão disponíveis listas com os títulos de todas as defesas de um ano, a pesquisa é realizada nesta lista. Assim,

considerando apenas os escritos que apresentaram os termos de busca em seus, título e/ou resumo e/ou palavra-chave, tivemos o quantitativo geral disposto na (TABELA 7).

Tabela 7: quantitativo da relação de escritos encontrados e selecionados por tipo de produção

Tipo de pós-graduação	Tipo de produção	Nº de escritos encontrados	Nº de escritos selecionados
Mestrado acadêmico	Dissertação	63	0
Mestrado e doutorado	Dissertação	286	3
	Tese	36	2
Total		385	5

Estas buscas revelaram que apenas 1,03% dos arquivos encontrados foram selecionados, corroborando então a inferência realizada nos periódicos da CAPES, a produção do conhecimento direcionada a tematização das PCA no contexto educativo, é ainda pouco relevante. Este fato demonstra carência na exploração do tema neste campo de pesquisa ao mesmo em que convida para pensar, agir e divulgar o conhecimento neste segmento, considerando a amostra analisada.

Assim como relacionado para os periódicos, trazemos o intervalo de tempo em que foram publicados os arquivos selecionados, considerando o conjunto das dissertações e teses como “arquivos publicados”.

O número máximo de arquivos publicados por ano foi um. Temos então, uma tese de 2012 e uma de 2004 e as dissertações são dos anos 2005, 2008, 2011. Compreendemos que a complexidade de elaboração de pesquisas que terão como fruto uma dissertação ou tese é maior e que esta complexidade explica o fato de termos tão poucas referências. Outro dado importante é o intervalo de tempo das publicações, datando pouco mais dez anos. E apesar disto, percebemos que muitos repositórios

constavam arquivos apenas desde de 2006 e não sabemos precisar o motivo. O fato é que também são estudos recentes.

Resultados

Retomando os resultados, inicialmente discutiremos os tipos de publicação. Esta aposta se dá pelo motivo de que faz parte de nosso anseio descrever e problematizar propostas ou ações pedagógicas da inserção do tema “práticas corporais de aventura” no contexto escolar ou educativo, para então discutirmos os conhecimentos adquiridos em nossas buscas.

As Tabelas 8 e 9 trazem as linhas gerais dos tipos de publicação sejam elas artigos, dissertações ou teses, baseando-nos apenas por dados fornecidos explicitamente nos textos dos resumos ou cabeçalhos dos periódicos.

Tabela 8: Artigos selecionados considerando os anos de publicação e os tipos ou seções em que foram escritos

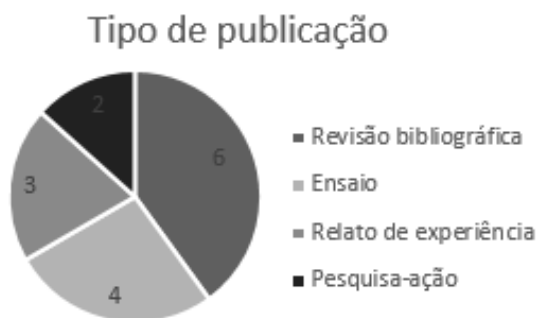
Ano de publicação	Título do artigo	Tipo
2006	A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções	Revisão bibliográfica ¹⁰
	Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção	Revisão
	A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de educação ambiental	Revisão
2007	Trilhas interpretativas reconhecendo os elos com a Educação Física	Relato de experiência
	Educação Física no Ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário	Revisão
2009	Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica	Revisão
	Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940)	Ensaio ⁷
	Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na estação de pesquisa, treinamento e educação ambiental - Mata do Paraíso em Viçosa - MG	Pesquisa-ação

¹⁰ O tipo de pesquisa realizada nos artigos aqui sinalizados não está claramente disponível no texto do resumo, visto que foi o considerado em nosso estudo, e nem indicado nos cabeçalhos dos periódicos. Após a leitura do artigo na íntegra, encontramos indicativos do tipo de pesquisa realizada e foram aqui acrescentadas.

2010	O Skate e suas possibilidades educacionais	Relato
2011	Práticas corporais na natureza: Por uma educação ambiental	Pesquisa-ação
	Prática pedagógica em Educação Física e a educação ambiental	Revisão bibliográfica ⁷
	Relação ser humano-natureza: reflexão e desafio da Educação Física	Ensaio
2012	Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar	Ensaio
	A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino	Ensaio
2013	Lazer e educação ambiental: relato de experiências na formação inicial em Educação Física	Relato de experiência

Para esta primeira tabela, de acordo com os tipos de publicações encontradas, temos o seguinte panorama (IMAGEM 1):

Imagem 1: Gráfico das quantidades de arquivos encontrados nos periódicos de acordo com o tipo de publicação.



Considerando as peculiaridades do tipo de pesquisa realizada e descrita, temos um panorama essencialmente conceitual ou teórico a respeito dos temas, principalmente se relacionarmos os artigos de revisão sistemática e/ou estado da arte com os ensaios, totalizando dez artigos. Tivemos dois artigos do tipo pesquisa-ação, realizados em geral com adultos e visando a educação ambiental, portando não foram selecionados. Já os relatos de experiência em Educação Física, que trazem propostas de práticas pedagógicas totalizam apenas 3 artigos, publicados nos anos de 2007, 2010 e 2013, uma média de 3 anos de intervalo entre as publicações. Após a leitura integral dos artigos verificamos que apenas os 3 pré-selecionados tratam de pesquisas baseadas em práticas educativas com as PCA, sendo que nenhum dos três foi realizado no âmbito da

educação física escolar. Em geral, descrevem experiências ou propostas de ensino em projetos de extensão ou disciplinas ministradas em cursos de graduação em Educação Física.

Como nosso intuito é a pesquisa por escritos que tragam as práticas corporais de aventura no âmbito da vivência, da experiência corporal no contexto da Educação Física seja em ambiente de educação formal ou informal, consideramos neste escrito o enfoque a partir de artigos do tipo, relato de experiência.

Dentre todos os sites dos programas de pós-graduação pesquisados, considerando os arquivos selecionados, tivemos a seguinte amostra (TABELA 9):

Tabela 9: Lista de títulos de dissertações e teses selecionadas para estudo

Ano de defesa	Título do arquivo	Tipo do arquivo
2004	Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica	Tese
2005	Esportes na natureza: estratégias de ensino do canionismo para pessoas com deficiência visual	Dissertação
2008	Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo	Dissertação
2011	Os esportes radicais como potenciais geradores de saberes interdisciplinares	Dissertação
2012	O esporte de aventura na Educação Física - formação e atuação dos professores	Tese

Para este grupo de arquivos, tivemos 3 dissertações e 2 teses, sendo estas últimas com intervalo de tempo significativo, oito anos. A partir desta seleção, foram lidos os resumos para verificarmos as aproximações.

Para além dos tipos de trabalhos publicados é importante ressaltar os conteúdos e as similitudes com nosso objeto de estudo. Como dito, enfocaremos nos relatos de experiência, no caso dos artigos e em teses e dissertações que discutam a

implementação de tais conhecimentos no contexto da educação física escolar, vide (TABELA 10).

Tabela 10: Títulos dos arquivos selecionados após leitura dos textos

Tipo do arquivo	Título	Ano de publicação
Tese	Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica	2004
Dissertação	Esportes na natureza: estratégias de ensino do Canionismo para pessoas com deficiência visual	2005
Relato	Trilhas interpretativas reconhecendo os elos com a Educação Física	2007
Dissertação	Atividades Físicas de Aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo	2008
Relato	O Skate e suas possibilidades educacionais	2010
Dissertação	Os esportes radicais como potenciais geradores de saberes interdisciplinares	2011
Tese	O esporte de aventura na Educação Física - formação e atuação dos professores	2012
Relato	Lazer e educação ambiental: relato de experiências na formação inicial em Educação Física	2013

Das 30 fontes bibliográficas de arquivamento digital do conhecimento acadêmico pesquisadas, obtivemos um total de 1.157 arquivos encontrados, seguindo os parâmetros de busca, sendo 772 artigos nos periódicos e 385 arquivos publicados, incluindo dissertações e teses nos PPG's na área de Educação Física.

Deste total de arquivos (1.157) o processo de seleção final, após a leitura minuciosa dos resumos e artigos completos, consideramos como componentes do estado da arte um total de 8 arquivos, sendo 3 artigos de relatos de experiências, 3 dissertações e 2 teses, considerando as práticas corporais de aventura aplicadas ao contexto educacional ou escolar.

Discussão

Nossa ideia inicial era buscar arquivos que problematizassem as PCA no âmbito da educação formal ou informal trazendo propostas didático metodológicas desse tema, o que não se concretizou de forma tão simples quanto desejávamos, por esse motivo abrangemos os termos de buscas e assim nos beneficiamos da principal vantagem da pesquisa bibliográfica, “[...] a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2011, p.50).

Nesse sentido, percebemos que a abrangência nas buscas nos trouxe uma forma mais ampla de observar o fenômeno das práticas corporais de aventura e suas reconfigurações com o passar dos anos, sendo fundamental para compreender o processo histórico inerente ao objeto de pesquisa, demonstrando zelo pelo conhecimento produzido ao longo dos tempos, sendo importante por isso ressaltar a relevância de um trabalho de levantamento do estado da arte no início de uma pesquisa. Assim, situamos nosso objeto de pesquisa historicamente e compreendemos de forma mais clara em que medida nosso trabalho avança, onde está a relevância do nosso problema de pesquisa. No rastro dessa recorrência Gil aponta que,

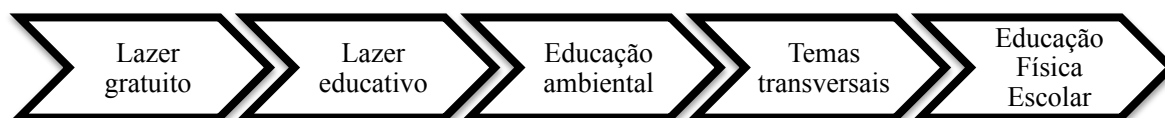
Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir a obtenção de novos conhecimentos. Para se assegurar disso, o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área [...] Este levantamento bibliográfico é muitas vezes demorado e pode constituir mesmo uma pesquisa de cunho exploratório, cujo produto final será a recolocação do problema sob um novo prisma (2011, p. 35).

Corroborando o entendimento do autor supracitado, ao iniciar as pesquisas esperávamos encontrar um panorama no qual as PCA estivessem inseridas na Educação Física Escolar e descritas academicamente. Contudo, os resultados escassos nos fizeram

ampliar as buscas e a partir daí verificar a insuficiência de trabalhos acadêmicos que sejam baseados em experiências pedagógicas que considerem as PCA como conteúdo de ensino na Educação Física escolar.

A leitura dos resumos das teses e dissertações e dos artigos na íntegra, no que tange a forma de abordagem das PCA e suas intencionalidades de práticas, nos faz sugerir que os estudos em geral, parecem evoluir no caminho descrito no Organograma 1.

Organograma 1: Sugestão do percurso que as pesquisas sobre PCA têm seguido



Há alguns anos fomos alertadas que este objeto de estudo, idealizado na perspectiva escolar, já vinha sendo estudado na perspectiva do lazer e que não poderíamos desconsiderar estes estudos caso quiséssemos ter uma melhor compreensão de sua profundidade e da sua construção histórica e isto ficou muito claro na atual pesquisa, quando antes de encontrar qualquer escrito na educação física escolar deparamo-nos com muitos escritos no âmbito do lazer. Foi preciso compreender os conceitos, como vem sendo trazidas nos passos dispostos no organograma 1 (lazer gratuito, lazer educativo, educação ambiental, temas transversais e educação física).

A ideia de lazer gratuito, não é o objetivo de nem um dos artigos selecionados, mas é relevante destacar para compreender de onde surgem os estudos das PCA no âmbito do lazer.

Bruhns¹¹ (1997 apud CARDOSO; SILVA; FELIPE, 2006, p.82) classifica as visitas na natureza, como ‘gratuita’ ou ‘utilitária’.

Alguns excursionistas visitam a natureza com algum intuito, quer seja ele o de obter conhecimento, parceria de trabalho ou descanso. Os praticantes do utilitarismo contemplam a maioria dos visitantes que, geralmente, nem se dão conta de que fazem parte deste grupo. Apenas uma pequena parte dos visitantes da natureza realizam a visita gratuita, onde a realização prazerosa dá-se a partir de algo que tem valor em si e não para outro fim.

Parcela significativa dos estudos sobre as práticas corporais de aventura no âmbito do lazer estão pautadas na compreensão do lazer gratuito, caracterizado pela prática em busca do prazer de estar na natureza e não com fins educativos ou financeiros. A compreensão do lazer gratuito é importante na remontagem histórica dos estudos do lazer sobre as PCA e também para nos guiar aos estudos do lazer utilitário, no nosso caso, a “utilidade” educativa do lazer.

Para Marcellino (1996 apud GARCIA; KOWALSK; ALVES, 2009) o lazer oferece duplo aspecto no que se refere a educação: “Primeiramente temos o lazer como veículo privilegiado de educação e em segundo temos como premissa para as práticas de lazer a necessidade do aprendizado, procurando superar a comodidade pela arte de criticar e de ser criativo”. Consideraremos para nossos estudos o primeiro aspecto, visto que os escritos selecionados apontaram para uma perspectiva em que nos momentos de lazer o homem também aprende, corroborando a ideia de Cardoso, Silva e Felipe (2006, p. 83)

Sabemos que, quase todo indivíduo, após uma visita à natureza, volta transformado, com algum aprendizado a mais. Mesmo que não haja uma atividade explícita, com métodos de ensino e aprendizagem, o simples fato de relacionar-se com a natureza amplia o campo de visão dos visitantes, no que concerne a tornar-se um indivíduo mais íntegro e completo.

¹¹ BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e meio ambiente: Corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.86-91, jan. 1997. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/issue/view/77>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Estabelece-se então, nosso segundo conceito, o lazer educativo, justamente pela potencialidade que as práticas corporais no âmbito do lazer têm, de serem educativas. Até o presente momento estamos constatando um cenário de educação não intencional ou informal (LIBÂNEO, 2013) confirmada pela ausência de organização didática ou pedagógica nas ações educativas. Vale salientar que essa ausência não implica dizer que esteja se praticando o lazer gratuito.

Utilizamos como referencial até aqui, os escritos selecionados que não são relatos de experiência pedagógica ou que não propõe a implementação das PCA no contexto educativo ou escolar, visto que buscamos trabalhos mais ligados a educação formal, não totalmente presa às salas de aula, ou instituições escolares, mas em que haja uma organização didático-metodológica desse conteúdo de ensino. Nesse sentido, Bruhns ¹²(1997 apud MELLO, 2013, p.3)

[...] ressalta que a experimentação de novas emoções e sensibilidades, mediada pelas práticas na natureza, poderá conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Para isso, as atividades na natureza requerem pensar sobre o meio ambiente em três dimensões interdependentes: a prática, a conservação ambiental e o processo educativo.

É interessante notar que a autora citada destaca três dimensões para se pensar o meio ambiente a partir das atividades na natureza, a prática, que por si só, estaria mais ligada a compreensão de lazer gratuito; a conservação ambiental, que é um comportamento que se almeja após um processo de conscientização e educação ambiental, e; processo educativo, que está ligado ao lazer utilitário, por sua vez educativo.

¹² BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e meio ambiente: Corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.86-91, jan. 1997. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/issue/view/77>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Para muitos, há uma relação linear e uma percepção superficial, de que ao experimentar práticas na natureza por si só é gerada a consciência ambiental ou educação ambiental ou ainda de um comportamento preservacionista.

Recorrentemente, os trabalhos selecionados tematizam em maior, ou menor grau a Educação Ambiental - EA, nosso terceiro entendimento a ser clarificado, enfocando a necessidade suplantar o imaginário de Educação Ambiental enquanto “cuidadora” da natureza, e essa natureza vista como algo distante do humano, conforme nos diz Cardoso; Silva e Felipe,

Esta EA deve ser compreendida e trabalhada na amplitude que seu termo contempla, ou seja, não apenas no sentido da preservação ambiental, de não ‘gastar’ ou prejudicar a natureza. Deve desenvolver nos indivíduos a compreensão da interação homem-natureza, a conscientização ambiental, capaz de gerar mudanças de atitudes e sentimentos, que resultem em posturas mais afetivas, solidárias e cooperativas entre as pessoas e destas com a natureza (2006, p.83).

Corroborando o pensamento de Cardoso, Silva e Felipe, nossos estudos encontraram uma terminologia diferenciada trazida por Carvalho, 2004 e Jacobi¹³, 2005 (apud Mello, 2013, p. 4) para pensar a criticidade necessária para um processo de conscientização em educação ambiental, a Educação Ambiental Crítica, que pressupõe:

[...] uma postura reflexiva sobre as questões ambientais, em interação com a dimensão social, a partir de uma abordagem interdisciplinar. Essa perspectiva exige uma prática político-pedagógica de diversos sujeitos sociais comprometida com a responsabilidade e a participação socioambiental.

Há ainda, um entendimento coletivo de que a Educação Ambiental não seja uma disciplina individual, visto que para ser alcançada de forma significativa e que estabeleça mudanças na vida do indivíduo é necessário um esforço interdisciplinar, considerando aqui o contexto da educação formal.

¹³ JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

A partir da compreensão de interdisciplinaridade começam a surgir as propostas, materializadas no que os educadores conhecem como temas transversais, nosso quarto ponto a ser delineado. A EA está prevista como tema transversal na educação básica, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, e segundo Cardoso, Silva e Felipe (2006) é um trabalho impossível de ser efetivado exclusivamente em sala de aula, em aulas tradicionais, sem que o aluno seja oportunizado a vivenciar suas próprias experiências, questionar-se sobre as práticas e buscar suas próprias respostas no contato direto com o meio ambiente.

Dois dos três artigos de relatos de experiência selecionados, dizem respeito a ações interdisciplinares pensando a Educação Física como instrumento para se alcançar a Educação ambiental, ambos relatando experiências educativas no contexto educativo da graduação em educação Física.

No primeiro, Paiva e França (2007) relatam a experiência advinda das ações desenvolvidas em um projeto de extensão realizado no curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que consistia na realização de práticas lúdicas por meio de trilhas interpretativas nos espaços do Parque Horto de Dois Irmãos em Recife (PE).

Seu escrito está estruturado de acordo com estes três eixos: As trilhas interpretativas como atividade potencialmente educativa; a relação existente entre as trilhas interpretativas e a Educação Física e o relato de experiências com a prática da trilha por meio da disciplina Educação Física.

Para as Paiva e França (2007, p. 114), as trilhas interpretativas sendo propostas pela área da Educação Física “tornam-se uma legítima experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades propostas, enfatizando a sensibilização de percepções,

interpretações e representações”. E ainda, “Nessa direção, apontam-se as possibilidades com a educação para o meio ambiente numa perspectiva interdisciplinar, na qual a corporeidade é o eixo básico para entendimento das ciências físico-biológicas, geográfica e humana [...] (PAIVA; FRANÇA, 2007, p. 114)”.

Destacamos a relevância deste escrito, por descrever ações pedagógicas a partir das PCA, entretanto, as atividades foram realizadas no âmbito da graduação em Educação Física, atendendo a população participante do programa de extensão acima descrito e compreendeu com esta a experiência que “a sabedoria da natureza é a essência da interpretação ambiental, e à educação física cabe construir um paradigma que oriente ações neste espaço (PAIVA; FRANÇA, 2007, p. 114)”. Pelo exposto, percebemos que as PCA não foram abordadas como conteúdo de ensino, mas sim, como meio de se alcançar a interpretação ambiental.

No segundo relato, intitulado “Lazer e Educação Ambiental: relato de experiências na formação inicial em Educação Física” o autor compreende que “a discussão que valoriza a interseção entre lazer e meio ambiente deve considerar todos esses aspectos, ou seja, é necessária uma visão interdisciplinar para tratar desse tema” (MELLO, 2013, p. 7). Os aspectos que devem ser considerados, segundo ao autor, são: social, ambiental, territorial, econômica e política e não apenas considera a interdisciplinaridade como visão de disciplinas curriculares e escolares, como no primeiro relato, abrange um pouco mais, inclusive tratando de políticas públicas intersetoriais, dialogando com a proposta de Educação Ambiental Crítica, trazida anteriormente e proposta pelo mesmo autor.

Há um último ponto comum entre estes dois relatos, que são os apontamentos da necessidade de que sejam realizados novos estudos relacionando a educação ambiental e educação física, mediados pelas práticas corporais de aventura.

Para Paiva e França (2007, p. 121) “Ensinar esse saber [referindo-se a natureza] e relacioná-lo à necessidade de construir uma consciência ambiental coletiva concerne à educação física, como também a construção de um paradigma que oriente as ações das sociedades sobre o meio ambiente”. Fica muito claro durante o escrito das autoras que a Educação Física é um campo fértil para as experiências de práticas corporais que podem colaborar na apropriação da Educação ambiental.

Já Mello (2013 p. 11) aponta para ações socioeducativas baseadas nas práticas corporais que contribuam para formação do cidadão, nos dizendo que são necessários,

[...] novos estudos que contemplem a relação entre lazer e meio ambiente em uma perspectiva socioeducativa, e que esses estudos sejam decorrentes de experiências concretas com a natureza. Compreendemos que essas reflexões contribuirão para a construção de subjetividades autônomas, capazes de contrapor-se aos apelos constantes do consumo, transformando as práticas de lazer na natureza em um direito social acessível à parcela significativa da população brasileira.

É importante reconhecer que até aqui os estudos realizados estão tendo como objetivo principal a Educação ambiental, que são representações legítimas de prática educativa de educação formal e por isso foram selecionados. Mas lembramos que nosso intuito, eram arquivos que tematizassem as Práticas Corporais de Aventura considerando-as como conhecimento da Educação Física Escolar, passível de ser ensinado também na escola, além das práticas extra muro das escolas.

É nesse cenário educativo fértil que começam a surgir as primeiras propostas vinculadas a Educação Física escolar, nosso quinto e último ponto de discussão conceitual, a Educação Física Escolar - EFE. Segundo Armbrust e Lauro (2010 p. 801)

Os esportes de aventura ganharam tanta importância, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam, no eixo transversal “Meio Ambiente”, para os alunos de 5ª a 8ª séries, a necessidade de se realizar uma educação com atividades corporais praticadas junto à natureza: surfe, alpinismo, *bicicross*, *jetski*, entre outros esportes radicais, montanhismo, caminhada, mergulho, exploração de cavernas e atividades de lazer ecológico.

Observamos muito claramente a distinta percepção de Educação Física para os autores, ambas genuínas, porém para atender a demanda de nossos estudos a que mais se aproxima é esta última por tratar de experiências pedagógicas de Educação Física Escolar.

A que se enfatizar, o fato destacado por Portela (2012) e Armbrust (2010, 2011), no tocante a formação do professor de Educação Física. Portela nos diz que boa parte dos professores de Educação Física não tiveram disciplinas em sua graduação que explanassem as PCA, ou outro termo equivalente, e os que tiveram não se consideram aptos para aplicar os conhecimentos na prática. Segundo Armbrust (2010, p. 805) “Também se percebem poucos cursos de graduação em educação física e pós-graduações que discutem os assuntos dos esportes radicais com profundidade e suas possíveis interfaces com meios competentes para a licenciatura ou o bacharelado”, refletindo-se assim num campo com poucos profissionais habilitados ou especializados para trabalhar com tais práticas.

Essa fragilidade na formação, percebida como um aspecto obstaculizador da efetivação das PCA na escola, é bem descrita no relato intitulado “O skate e suas possibilidades educacionais” dos autores Igor Armbrust e Flávio Antônio Ascânio Lauro. O texto publicado em 2010 apresenta, além dos aspectos já expostos,

Uma proposta metodológica para a organização de um curso de extensão universitária para graduandos e professores de educação física, com a finalidade de promover reflexões sobre os processos de iniciação à prática do skate atrelados ao esporte educacional (ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 799).

Para tanto os autores expõem como componentes do escrito, um momento de revisão da literatura, pesquisa bibliográfica, por artigos, teses, dissertações, livros e sites que relacionassem a prática do skate na perspectiva educativa. Para no segundo momento, sugerir a proposta metodológica que tinha como intuito “complementar os elementos da cultura corporal a ser vivenciada em âmbito escolar e efetivamente contribuir no processo de desenvolvimento do ser humano nos aspectos biológico, psicológico, social e cultural” (ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 799).

Este artigo contribui para salientar o hiato existente em pesquisas publicadas que considerem as PCA enquanto possibilidade de cultura de movimento e a tematização no contexto escolar, além da educação informal. Também contribui para pensar na frágil e deficitária formação profissional nesse sentido. Mas seu principal legado, para nossa pesquisa é a proposta metodológica trazida para o ensino do esporte de aventura no contexto escolar.

Para compreender as possíveis causas do hiato de produção do conhecimento publicado, Armbrust (2011), em seus estudos dissertativos, intitulada, “[...]os esportes radicais como potenciais geradores de saberes interdisciplinares”, nos traz que tais práticas são objetos de estudos recentes no meio acadêmico e evidencia que “[...] no entanto, há pouca produção no Brasil, quando o universo de estudo é o meio escolar Armbrust (2011, p.5)”.

Em consonância com a escassa e recente publicação acadêmica nesta área, está a precária e quase inexistente prática pedagógica organizada, visando estes conhecimentos, desconsiderando uma tendência frisada na dissertação “Atividades Físicas de Aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo” de Franco (2008, p. 7), quando diz: “[...] essas práticas têm atraído a prática e

o consumo de grande parte dos jovens e adultos brasileiros, chegando a competir, em preferência, com alguns esportes tradicionais do país”, considerando esta busca extra escolar, ou com fins educativos, o autor salienta que é preciso incentivar a prática das Atividades Físicas de Aventura (AFA) - termo adotado pelo mesmo - também na escola.

Começamos a perceber algumas justificativas para efetivação dessas propostas. Van Munster (2004, p.11) em sua tese de doutorado intitulada “Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica”, justifica a importância dessas discussões no âmbito acadêmico, sob o argumento de que “[...] o envolvimento com esse conjunto de prática consiste em uma experiência existencial fértil para o fortalecimento das relações da pessoa com deficiência visual [visto que é esta sua amostra] consigo mesma, com o outro e com a sociedade”. Encontramos outra justificativa forte, pois que está ancorada em resultados de uma prática pedagógica - com diversas modalidades de PCA levadas ao cotidiano escolar - pesquisada e descrita em sua dissertação, que indicam a possibilidade inserção das AFA na escola, “[...] que essas atividades são significativas pedagogicamente e são bem aceitas pela comunidade escolar” (FRANCO, 2008, p. 7).

Neste palco, onde entraram em cena a Educação Física Escolar, os principais motivos da não efetivação das PCA no âmbito da educação formal, bem como a escassa produção acadêmica, surgem as justificativas e motivações a pensar este diálogo. Percebemos, então, que os estudos se apresentam de forma pouco representativa, quantitativamente, e de uma riqueza imensurável qualitativamente no tocante as teses e dissertações selecionadas, por terem a prática pedagógica com as PCA descritas, em alguma medida, por se tratarem de múltiplas vivências, por terem público alvo tão distinto, etc.

É interessante evidenciar as amostras de cada pesquisa. Em seus estudos, Van Munster (2004) e Carvalho (2005) propuseram práticas na natureza para deficientes visuais. Portela (2012) capacitou professores, assim como Armbrust, em sua dissertação, (2011) trabalhou com a formação de professores do ensino fundamental I. Franco (2008) aplicou aulas de Educação Física Escolar tematizando o que ele intitula Atividades Físicas de Aventura - AFA e nós, neste estudo, PCA.

As metodologias de ensino, nos casos em que foram descritas, em um caso “[...] foram baseadas na conjugação de três elementos fundamentais: jogos cooperativos, jogos de sensibilização à natureza, e educativos relacionados aos aspectos técnicos de cada modalidade (VAN MUNSTER, 2004, p. 7)”. Carvalho (2005, p. 13) adota como base os princípios pedagógicos de uma Educação Física moderna e elabora “[...] uma proposta de ensino com base no desmembramento da modalidade escolhida através das exigências e de suas necessidades físicas, considerando sempre o desenvolvimento integral dos indivíduos [...]”. Já Armbrust (2011) visou construir, a partir da pesquisa realizada na formação de professores do ensino fundamental I, uma proposta metodológica de ensino dos esportes radicais, que foram especificados em sua dissertação. E Franco (2008) baseou sua intervenção pedagógica com escolares, nas três dimensões de conteúdo (procedimental, atitudinal e conceitual), estabelecendo dessa forma um novo diálogo com a educação ambiental.

Dentre os objetivos didáticos postos, estão de forma corroborativa, o intento da inserção de novas possibilidades de movimento humano, proporcionar novas emoções, trazer para dentro da escola o que já é tão buscado fora dela. Nesse sentido, concordamos com Franco (2008, p.5) quando diz que “Explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do

currículo comum da Educação Física como valor de conhecimento, tanto como qualquer dos conteúdos tradicionais da área” tem de ser, a nosso ver, um exercício contínuo, não só para as PCA, como neste nosso estudo.

Considerações Finais

Para atender ao objetivo de nossa imersão teórica, de fazer o levantamento das publicações acadêmicas sobre as Práticas Corporais de Aventura no contexto escolar ou educativo, pensando-as enquanto conteúdo de ensino da Educação Física, realizamos uma pesquisa bibliográfica nos periódicos da CAPES (Qualis A2, B1 e B2) e repositórios digitais de cursos e programas de pós-graduação em Educação Física reconhecidos e recomendados pela CAPES, que disponibilizassem arquivos para consulta online. A partir dos resultados obtidos, ou seja, arquivos selecionados ao final das buscas, delinhamos o estado da arte.

Verificamos que os estudos compatíveis com os parâmetros estabelecidos datam de 2004 e ao levantarmos a frequência de publicação - no máximo um por ano, independente do formato - constatamos os quão escassos são os escritos publicados, especialmente se considerarmos o ambiente de educação formal, enquanto campo empírico das pesquisas realizadas e publicadas. Não pormenorizando os excelentes escritos encontrados que contribuíram significativamente para construção desta pesquisa exploratória.

Para que não tivéssemos resultados próximos de nulo, optamos por abranger as buscas, e essa decisão foi fundamental para que estabelecêssemos uma construção histórica de nosso objeto de estudo e percebêssemos como a prática pedagógica na Educação Física Escolar vem sendo configurada pelos referenciais extremamente ricos e

contributivos do lazer na sua perspectiva de visão amplificada das Práticas corporais de aventura.

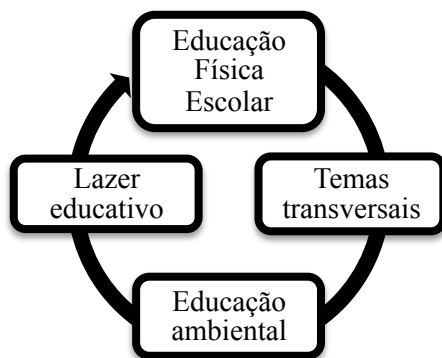
Uma parte dos achados esteve mais focado na educação ambiental como finalidade das propostas de práticas corporais de aventura, o que nos fez compreender a importância de problematizar as questões ambientais no âmbito escolar, e, portanto, formativo, mas sem esquecer da especificidade de nossa área de conhecimento, a motricidade humana.

Conforme posto, via de regra, os arquivos abordavam a ótica das PCA enquanto meio, ou instrumento, para se alcançar a educação ambiental, através de práticas pedagógicas, materializadas no lazer educativo. Não obstante às relevantes contribuições de Mello (2013) e Paiva e França (2007) - por isso foram consideradas em nosso estado da arte - destacamos os textos de Armbrust e Lauro (2010), Van Munster (2004), Carvalho (2005), Franco (2008), Armbrust (2011) e Portela (2012), por discutirem efetivamente a apropriação e materialização das PCA no contexto educativo, a partir da ótica de percepção das mesmas enquanto cultura de movimento, através de suas propostas metodológicas de ensino ou de suas experiências relatadas.

Conforme foi nos alertado há alguns anos, é impossível desconsiderar as contribuições e estudos do lazer sobre as práticas corporais de aventura. Este fato foi comprovado em nossa imersão exploratória ora posta. Concluimos ainda, que os estudos educativos que tematizam as PCA partem das lentes do lazer e se ampliam para outras áreas de estudo como a Educação Física Escolar, mesmo que muito tímida e recentemente publicadas.

No início de nossa discussão apontamos um caminho percebido ao analisar os escritos (vide Organograma 1, acima) e após nossa pesquisa, sugerimos que o caminho seja repensado pela Educação Física Escolar, disposto no Organograma 2, abaixo.

Organograma 2: Proposta de compreensão e tematização das PCA como conteúdo educacional da EF



Sob estas novas lentes é que o cenário de prática empírica e de pesquisas acadêmicas vão se resignificando, de forma que as PCA passam a ser compreendidas efetivamente enquanto possibilidade de ampliação da cultura de movimento no contexto da Educação Física Escolar, onde os conhecimentos sobre esta expressão da motricidade humana são postos como fim educativo e não como instrumento do aprendizado da educação ambiental ou outro tema transversal. Entretanto consideramos este, um campo fértil para problematização das questões ambientais ecológicas e acreditamos, que uma intervenção pedagógica bem delineada pode contribuir para efetivação educação ambiental dos estudantes, por isso estas reflexões continuam a estar presentes. E é no intuito da continuidade da prática corporal de aventura no contexto extraescolar, que ponderamos a importância e incentivo que deve ser dado para os momentos de lazer, tornando-se ainda mais educativo.

Como intentos dos resultados aqui trazidos, esperamos contribuir para produção do conhecimento acadêmico produzido, além de despertar colegas para estas

possibilidades pedagógicas e de atuação profissional, no âmbito da Educação Física Escolar.

REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I; LAURO, F. A. A. O Skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p.799-807, set. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz> . Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Os esportes radicais como potenciais geradores de saberes interdisciplinares**. 2011. 153f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2011.

_____; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade cultural: os esportes radicais na Educação Física Escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.281-300, jan. 2012.

CARDOSO, A. R.; SILVA, A.; FELIPE, G. R. A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p.77-87, jan/abr. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz> . Acesso em: 15 jan. 2015.

CARVALHO, A. J. S. de. **Esportes na natureza: estratégias de ensino do Canionismo para pessoas com deficiência visual**. 2005. 182f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

DIAS, C. A. G. Para uma história do lazer na natureza. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JÚNIOR, E. de D. **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói: EdUFF, 2009. p. 35-52.

FRANCO, L. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 2008. 136f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

GARCIA, L. G.; KOWALSKI, M.; ALVES, R. J. A. Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na estação de pesquisa, treinamento e educação ambiental Mata do paraíso em Viçosa-MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p.1-31, set. 2009. Disponível em: <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere> . Acesso em: 15 jan. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

INÁCIO, H. L. de D. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p.45-63, jan. 2006.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino e mudanças**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MELLO, A. da S. Lazer e educação ambiental: relato de experiências na formação inicial em Educação Física. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p.1-13, jun. 2013. Disponível em: <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere> . Acesso em: 15 jan. 2015.

NEGRINE, A. Instrumentos de coletas de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. Cap. 4. p. 61-100.

PAIVA, A. C. de; FRANÇA, T. L. de. Trilhas interpretativas: reconhecendo os elos com a Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.109-124, maio 2007. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> . Acesso em: 15 jan. 2015.

PEREIRA, D.W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação da escola**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

_____. Prefácio. In: PEREIRA, D. W. (Org.). **Atividades de aventura: em busca do conhecimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

PORTELA, Andrey. **O esporte de aventura na Educação Física: formação e atuação dos professores**. 2012. 168 f. Tese (Doutorado) - Curso de Atividade Física e Saúde, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RODRIGUES, C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p.987-995, out. 2009.

ROSA, P. F.; CARVALHINHO, L. A. D. A educação ambiental e o desporto na natureza: uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.259-280, jul. 2012.

SILVA, P. P. da C.; CHAO, C. H. Práticas corporais na natureza: por uma educação ambiental. **R. Educ. Fís. UEM**, Maringá, v. 22, n. 1, p.89-97, 1 maio 2011. Universidade Estadual de Maringá. DOI: 10.4025/reveducfis.v22i1.9266. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/9266> . Acesso em: 10 jan. 15.

VAN MUNSTER, M. de A. **Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica**. 2004. 232f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP [s.n] 2004

Endereço dos Autores:

Dandara Queiroga de Oliveira Sousa
Rua José Fernandes da Silva, nº 13 – Potengi
Natal – RN – 59.110-680
Endereço Eletrônico: dandaraqueiroga@gmail.com

Allyson Carvalho de Araújo
Rua Acre, n 128. Bairro: Neópolis.
Natal – RN – 59.080-110
Endereço Eletrônico: allyssoncarvalho@hotmail.com